

SOCIOLOGIA E FILME

REFLETINDO O FILME *TOMBOY* À LUZ DOS
“SABERES SUBALTERNOS”Daiane Carnelos Resende¹⁵

Resumo: No final do século XIX, questões que permeiam a sexualidade e papéis de gênero passam a ocupar um importante espaço na discussão da constituição do sujeito moderno, perpassando pelas mais diversas áreas do conhecimento como psicologia, sexologia, psicanálise e ciências sociais. Esta discussão, longe de ser esgotada, é uma constante nos debates do século XXI, assumindo diferentes delineamentos. Nesse ínterim, variadas formas de pensar foram desenvolvidas, abrangendo as temáticas binárias clássicas (homem x mulher, heterossexualidade x homossexualidade, público x privado etc.), pensando o corpo, o desejo, as identidades, e o “surgimento” e localização dos novos sujeitos. Tais questões foram e ainda são consideradas tabus em várias culturas, e os preconceitos ainda são inúmeros. Algumas dessas temáticas podem ser observadas no longa-metragem *Tomboy* (França, 2011), dirigido e escrito pela francesa Céline Sciamma, que em 2007 já havia produzido *Naissance des Pieuvres* (Lírios d’água), abordando a temática da sexualidade na infância e adolescência.

Palavras-Chave: Sexualidade. Cultura. Identidade.

REFLECTING THE MOVIE *TOMBOY* UNDER THE LIGHT OF
"SUBALTERN KNOWLEDGES"

Abstract: In the late nineteenth century, issues that permeate sexuality and gender roles come to occupy an important place in the discussion of the constitution of the modern subject, passing by the most diverse areas as psychology, sexology, psychology and social sciences. This discussion, far from being exhausted, is a constant debate in the twenty-first century, assuming different designs. Meanwhile, different ways of thinking were developed, covering the classical binary themes (man x woman x heterosexuality homosexuality, public x private etc.), Thinking the body, desire, identities , and " emergence " and location of new subjects . Such questions were, and are still considered taboo in many cultures, and prejudices are still numerous. Some of these themes can be seen in the feature film *Tomboy* (France, 2011), directed and written by Céline Sciamma French, who in 2007 had already produced *Naissance des Pieuvres* (Water Lilies), addressing the theme of sexuality in childhood and adolescence.

Key-Words: Sexuality. Culture. Identity.

¹⁵ Doutoranda em Sociologia pela Universidade Federal do Paraná/UFPR.

O significado da palavra *Tomboy*, de origem estadunidense, refere-se à menina levada, traquinas, que se interessa por atividades masculinas, ou seja, às meninas que de alguma maneira se distanciam do padrão feminino. É exatamente esse o roteiro do filme: uma menina, Laure (de 10 anos, interpretada por Zoé Héran), que não apresenta o padrão de comportamento socialmente atribuído ao seu sexo, e que, por ora, assume outra identidade (Michaël). Embora *Tomboy* trate de questões já abordadas em outros filmes, o mais emblemático no cinema contemporâneo francês seria *Ma vie em Rose* de Alain Berlinger, seu formato singelo e ao mesmo tempo intenso e reflexivo lhe rendeu várias críticas positivas da indústria cinematográfica, materializadas com o recebimento dos seguintes prêmios em 2011: Teddy (Bear) Jury Award, no *Berlin International Film Festival*, um dos festivais mais importantes do cinema mundial e que desde 1976 oferta este prêmio à melhor produção dedicada a temática GLBT¹⁶, melhor longa-metragem escolhido pelo júri no *Torino International Gay & Lesbian Film Festival*, melhor longa-metragem escolhido pelo público no *San Francisco International Gay & Lesbian Film Festival*, melhor filme do júri no *Philadelphia International Gay & Lesbian Film Festival*, e melhor longa-metragem eleito pelo público do *Festival Mix Brasil*.

Visto isso, este ensaio busca analisar como é ficar na fronteira das construções sociais do masculino e feminino na sociedade contemporânea, apresentando algumas reflexões acerca da questão de identidade de gênero e sexualidade a partir de um diálogo estabelecido com o filme *Tomboy*. Para tanto, num primeiro momento será apresentada, ainda que de maneira introdutória, a discussão teórica que norteia as questões de gênero, identidade de gênero e orientação sexual, perpassando pelos pressupostos gerais das teorias subalternas. Na sequência será apresentada uma descrição cronológica dos aspectos principais do filme, e, por fim, pretende-se, nas considerações finais, expor e propor algumas reflexões acerca de como pensar o “Outro” na sociedade contemporânea.

¹⁶ Sobre a discussão acerca do circuito de festivais GLBT de cinema, bem como das variações quanto aos termos da sigla, ver “Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estéticas-políticas na constituição da subjetividade”, Bessa (2007). No Brasil a nomenclatura cunhada pelo ativismo dos movimentos sociais é LGBT uma sigla que designa lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. Em algumas partes do Brasil, o T, que representa a presença de travestis e transexuais no movimento, também diz respeito à transgêneros, ou seja, pessoas cuja identidade de gênero não se alinha de modo contínuo ao sexo que foi designado no nascimento. A sigla LGBT foi substituída por LGBTTS (o S significa simpatizantes) e atualmente a sigla mais usual é a LGBTTIS, que significa: Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Transexuais, Intersexuais, sendo que o “S” pode ser substituído pela letra “A” de Aliados ou ainda acrescido a Letra “Q” de *Queer* que não é muito utilizado no Brasil.

1 Aspectos gerais dos “saberes subalternos” para pensar os “outros” da modernidade

A primeira onda feminista ocidental ou movimento sufragista, ou ainda, feminismo de igualdade, articulou seus discursos ainda no final do século XIX e centrava-se nas reivindicações de trabalho, voto, cidadania e educação. A segunda onda, pós-segunda guerra e, em especial a partir da década de 1960, intensificou de certa forma a discussão acerca da igualdade de direitos, mas estabeleceu os elementos da diferença, o que é comumente chamado de feminismos das diferenças. A precursora deste novo momento, ou seja, da “transição” do feminismo igualitarista para o feminismo centrado na mulher-sujeito, fornecendo os instrumentos necessários à politização das questões privadas, como afirma Adelman (2004), foi Simone De Beauvoir, com a publicação, em 1949, de “O segundo sexo”, livro publicado em dois volumes - “fatos e mitos” e “a experiência vivida” – que apresentava um diálogo com a psicanálise, bem como o ponto de vista do materialismo histórico ao separar os fatos dos mitos. Toda a produção posterior a esta obra, de alguma forma, esteve ancorada no debate da psicanálise e do marxismo, tomando diversos delineamentos. Isso pode ser observado em “A mística feminina” de Betty Friedan, de 1963, quando critica, dentre outras coisas, o complexo de castração feminina, ou numa perspectiva defensiva da psicanálise pelas feministas, em Juliet Mitchell, feminista marxista clássica, com “Psicanálise e feminismo: Freud, Reich, Laing e a Mulher, de 1979. Enfim, Freud esteve nas críticas de tantas outras análises dessa onda, como em Kate Millet (Sexual Politics, 1970), Shulamith Firestone (A dialética dos sexos, 1970), etc. Com a inserção das militantes feministas na academia, deu-se, gradativamente, a passagem dos estudos das mulheres para os estudos de gênero, sendo este diferente do sexo, e representando a forma pela qual as características sexuais são representadas num contexto social, cultural e histórico (LOURO, 1997). Adelman (2009, p.196), salienta que uma importante contribuição da teoria feminista se deve ao fato de acrescentar a categoria de gênero, mostrando que as relações de gênero eram fundamentalmente relações de poder nas mais diversas esferas da vida social, e que o Estado não reproduz somente as relações de classe, mas também as relações de gênero.

Dentre as autoras que ganharam bastante destaque encontram-se Gayle Rubin e Joan Scott. Rubin criticou o feminismo acadêmico da época, afirmando ser uma teoria da opressão de gênero; abordou também a normatização da heterossexualidade, questão que será central na teoria *queer*, da qual ela tornará um expoente em estudos posteriores. Enquanto que Scott se destacou por discutir e conceituar gênero, salientando sobre a importância da leitura de Foucault nas teorias feministas (LAGO, 2010).

Ainda no contexto da segunda onda, com o colapso do colonialismo europeu, um importante campo de estudos passa a ser delineado: os estudos pós-coloniais, que assim como a teoria *queer*, foram nomeados de teorias subalternas, em referência ao conceito de Gramsci, em que os sujeitos não apresentam voz audível no sistema capitalista (MISKOLCI, 2009). O livro “Orientalismo”, publicado em 1978 por Edward Said, pode ser considerado o principal impulsionador deste novo campo de estudos, centrando seu olhar sobre a maneira discursiva pela qual o “Ocidente vem historicamente representando o Outro colonizado” (ADELMAN, 2004, p.199), apresentando um paradoxo nos discursos: “no momento que o Ocidente conscientemente define o Oriente como aquilo que está “fora”, como o Outro radicalmente diferente, torna esse Outro “não essencial” uma parte muito fundamental na constituição da sua própria identidade” (idem, p.201).

Uma importante referência dos estudos pós-coloniais é Stuart Hall. Em seu livro “Da diáspora: identidades e mediações culturais” de 2003, Hall ao expor o que seriam e quando teve início os estudos pós-coloniais apresenta os argumentos contrários a estes, para então localizá-los enquanto um novo campo de análise. Segundo Hall (2003, p. 107), o conceito “pós-colonial” pode auxiliar na descrição e caracterização da mudança nas relações globais, que marca a transição, irregular, da era dos Impérios para o momento da pós-descolonização, e também pode ser útil, aqui numa perspectiva mais simbólica, na identificação das novas relações e disposições do poder emergentes nesta nova conjuntura. Para ele, os estudos pós-coloniais não despreveriam apenas as sociedades descolonizadas, mas compreenderiam um processo global que marcou as sociedades colonizadoras e colonizadas. Nesse sentido, a transição para o pós-colonial seria caracterizada, dentre outras coisas, pela independência do controle colonial direto e pela política advinda da emergência das elites locais, administradoras dos efeitos contraditórios do subdesenvolvimento. Compreende, todavia, “o processo inteiro de expansão, exploração, conquista, colonização e hegemonia imperial que constituiu a face mais evidente, o exterior constitutivo, da modernidade capitalista europeia ocidental, após 1492” (idem, p. 112-113).

Desta forma, as categorias e conceitos empregados nestes estudos, segundo Adelman (2004, p. 204), “coloca uma nova ênfase na contribuição histórica dos grupos excluídos ou marginalizados pelos discursos convencionais e ainda, de certa forma, hegemônicos”. As questões de gênero não se inseriam automaticamente dentro deste campo de análise, mas seus principais autores tenderiam a um maior reconhecimento e entrosamento com a perspectiva feminista (HALL, 2003 e BHABHA, 1994, apud ADELMAN, 2004). Neste caso, para Adelman, ao utilizar a perspectiva pós-colonial e

feminista de análise, via “desconstrução” dos binários, estar-se-ia questionando a própria categoria do Outro.

Uma terceira onda dos estudos feministas emerge ainda no final da década de 1980 nos Estados Unidos: a teoria *queer*. Os sujeitos *queer* são resultados de uma análise crítica e da desconstrução realizadas por autores pós-estruturalismo, tais como Foucault e Derrida, que de modo geral, pensam a noção de sujeito enquanto criação cultural e de discursos da linguagem. O termo *queer* foi cunhado por Teresa de Lauretis e indica anormalidade, desvio e perversão, embora mais tarde Lauretis tenha abandonado o termo com o argumento de ausência de significado (SANTOS, 2006). O objetivo desses estudos é estudar a dinâmica do desejo e da sexualidade nas relações sociais. Para tanto, criticam as análises sociológicas das minorias sexuais e de gênero, que tratavam a heterossexualidade como sinônimo de ordem social, naturalizando e mantendo a norma heterossexual. A heteronormatividade, resultado da naturalização da heterossexualidade, pode ser entendida como um conjunto de prescrições fundamentadoras dos processos sociais de regulação e controle, e que expressa as expectativas, demandas e obrigações dos indivíduos nas relações sociais. Esse processo é observado mesmo entre gays e lésbicas, que ao se denominarem ativo ou passivo numa relação sexual, referenciam as hierarquias sexuais e a relação heterossexual reprodutiva. Os estudos *queer* partem da desconfiança em relação aos sujeitos sexuais “estáveis”, focando nos processos sociais hierarquizadores e classificatórios, ou ainda, nos processos sociais que normalizam os comportamentos. Nesse sentido, trabalham com sujeitos não localizados no presente e sem alternativas passadas (MISKOLCI, 2009).

Segundo Santos (2006), as ideias centrais da teoria *queer* são: as identidades são sempre múltiplas; qualquer identidade construída é arbitrária, instável e excludente (SEIDMAN¹⁷ apud SANTOS, 2006); não há um abandono total da identidade como categoria política, mas seu significado permanece aberto à contestação, visando “encorajar o surgimento de diferenças e a construção de uma cultura onde a diversidade é acolhida” (idem, p. 6); postula que a política da homossexualidade centrada no “homossexual” acaba por reforçar a dicotomia hetero/homo, que fortalece o atual regime sexual estruturante das relações sociais ocidentais; a teoria *queer* pode ser vista enquanto uma proposta de teorização geral sobre a “sexualização dos corpos, desejos, ações, identidades, relações sociais, conhecimentos, cultura e instituições sociais” (SEIDMAN apud

¹⁷ Epstein, Steven (1996), “A Queer Encounter: Sociology and the Study of Sexuality”, in Steven Seidman (org.), *Queer Theory / Sociology*. Oxford: Blackwell, 145-167.

SANTOS, 2006). Frente a estas características gerais, Miskolci e Simões (2007, p.3) pontuam algumas diferenças entre os estudos *queer* e os demais estudos do gênero.

Os estudos *queer* se diferenciariam dos estudos de gênero, visto como indelevelmente marcados pelo pressuposto heterossexista da continuidade entre sexo, gênero, desejo e práticas, tanto quanto dos estudos gays e lésbicos, comprometidos com o foco nas minorias sexuais e nos interesses políticos a elas associados. Cada uma dessas linhas de estudo tomaria, como ponto de partida, binarismos (masculino/feminino, heterossexual/ homossexual) que, da perspectiva *queer*, deveriam ser submetidos a uma desconstrução crítica. *Queer* desafiaria, assim, o próprio regime da sexualidade, ou seja, os conhecimentos que constroem os sujeitos como sexuados e marcados pelo gênero, e que assumem a heterossexualidade ou a homossexualidade como categorias que definiriam a verdade sobre eles. De modo geral, o sistema moderno da sexualidade é encarado, da perspectiva *queer*, como um conjunto de saberes e práticas que estrutura a vida institucional e cultural de nosso tempo. Daí a ênfase dessa teoria na análise dos discursos produtores de saberes sexuais que organizam a vida social suprimindo diferenças.

Beatriz Preciado (2011) entende o termo gênero enquanto conjunto de dispositivos sexopolíticos, e a sexopolítica é uma das formas dominantes da ação biopolítica no capitalismo contemporâneo. Ao falar sobre as vantagens teóricas e políticas da utilização da ideia de “multidão” ao invés de “diferença sexual” no contexto do movimento *queer*, afirma que o estudo da multidão *queer*, ou multiplicidade dos corpos, se afasta das teorias feministas que tratavam da identidade natural, homem ou mulher, e de práticas sociais, homossexual ou heterossexual, mas é resultado de uma confrontação reflexiva com as diferenças que tais teorias apagavam em face do favorecimento do sujeito político “mulher” hegemônico e heterocentrado. Desta forma, a política das multidões *queer* advém de uma posição crítica em relação aos efeitos normalizadores e disciplinares de toda forma identitária, de uma desontologização do sujeito da política das identidades que pode legitimar a ação política. A multidão não se baseia em diferenças sexuais, opõe-se às práticas paritárias derivadas de uma noção biológica da mulher, opõe-se às práticas republicanas de reconhecimento, e impõe a integração das diferenças no seio da república, logo, não há diferença sexual, mas uma multidão de diferenças.

Judith Butler, uma das teóricas *queer* mais populares no Brasil, considera o sexo e gênero como construções sociais, e afirma que as sociedades criam as normas que materializam o sexo dos sujeitos, mas que “os corpos não se conformam, nunca, completamente, às normas pelas quais sua materialização é imposta”. Então, a autora discorre sobre sua teoria da performatividade, que de maneira geral quer dizer que as normas regulatórias do sexo possuem um caráter performativo, ou seja, possuem um poder contínuo e repetido de produzir o que nomeiam, repetindo e reiterando,

constantemente, as normas do gênero numa perspectiva heterossexual (LOURO, 2001). BUTLER (2006), porém, salienta que suas ideias se encaixariam em uma linha feminista, afirmando que não se pode narrar a história sobre alguém que rompe com a teoria feminista e se desloca ao *queer*, justamente porque não há rupturas, e sim a ocorrência simultânea delas.

2 O Longa-Metragem *Tomboy*



Figura 1: Cenas do filme *Tomboy*
Fonte: *Tomboy*, França, 2011.

O filme inicia-se com Laure e seu pai em um carro indo ao encontro da mãe, que encontra-se nos últimos meses da gestação, e da irmã (Jeanne, de 6 anos, interpretada pela atriz Malonn Lévana) em sua nova casa no subúrbio de Paris. No caminho, o pai permite que a filha sente em seu colo para tentar dirigir. Laure está vestindo camiseta azul, bermuda e tênis e possui cabelos curtos, o que parece tratar, ao telespectador desavisado, de um menino. Ao chegarem, Laure faz o reconhecimento de seu novo lar e a mãe a pergunta se ela havia gostado da cor do quarto, azul, afirmando ser sua cor preferida, e a menina responde positivamente. O quarto de Jeanne era um quarto típico de menina: rosa, com móveis também desta cor, repleto de bonecas e ursos, enquanto que de Laure parece ser mais “maduro”, de uma pré-adolescente que gostaria de ser menino.

As irmãs brincam em casa, quando Laure avista de sua janela alguns meninos brincando e decide ir ao encontro deles. Como estes já haviam saído do local ao chegar, avista Lisa, que já a observava da janela. Lisa aborda Laure como se ela fosse um menino e, ao ser perguntada pelo seu nome, Laure diz ser Michaël. Neste momento, com esta mudança de identidade de gênero é que a trama se torna bastante delicada: em casa, aos olhos da família, trata-se de uma menina carinhosa e atenciosa, e na vizinhança, um menino diferente. Lisa apresenta Michaël às demais crianças que brincam, e somente ao retornar à sua casa, quando está tomando banho em uma banheira com sua irmã, fica evidente se tratar de uma criança do sexo feminino.



Figura 2: Cenas do filme *Tomboy*
Fonte: *Tomboy*, França, 2011.

Laure conta sobre seu dia à sua mãe e esta se espanta com a notícia de que ela havia feito amizade com uma menina, Lisa, já que o comum de Laure era ter amigos do sexo masculino. A mãe lhe dá uma cópia das chaves de casa, porém, o cordão que une as chaves é rosa, e Laure resolve substituí-lo por um cadarço branco de seu tênis, e então vai ao encontro de seus novos colegas. Brincam de verdade ou desafio e Michaël e Lisa, como penalidade do jogo, trocam os chicletes, e neste momento percebe-se que de alguma maneira sentem algo diferente uma pela outra. Na sequência, os meninos jogam futebol, enquanto que Lisa e Michaël apenas assistem, e a menina diz que Michaël é diferente dos outros meninos por preferir assistir a jogar. Laure observa atentamente os meninos cuspiendo, e os que jogam sem a camisa, como se tentasse arrumar alguma solução para aquela situação, na qual enfrentaria mais tarde. Já em casa, Laure se olha no espelho, faz algumas poses ditas masculinas, observa seus seios, que, por se tratar de uma menina de 10 anos, ainda não se manifestaram, e treina cuspir, ou seja, verifica se ela poderia ser inserida no grupo do futebol. Feito isso, Michaël pede para jogar futebol com seus novos amigos, ficando retraído no início, mas depois cuspiendo como os outros e tirando a camisa, e, portanto, se sentindo integrado ao grupo. Michaël se destaca no jogo, pois é bastante habilidoso. Na pausa da brincadeira, Michaël observa os meninos fazendo xixi e entra na mata para que possa ter sua privacidade e seu segredo mantido, mas um de seus colegas o vê, e ao se levantar com o susto, Michaël faz xixi nas calças, sendo motivo de risadas, e então, corre para sua casa. Lá, depois de se esconder da mãe para que ela não o visse naquela situação e tivesse que dar explicações e, depois de resolver o problema, Laure joga cartas com o pai, que lhe oferece cerveja para experimentar. Esta família possui o estereótipo da família perfeita, pais atenciosos e harmonia entre os filhos.

Laure, por não saber ao certo o que seu colega tinha visto na mata, se apenas que ela tinha feito xixi nas calças ou se ela fazia suas necessidades agachada, fato típico entre as meninas, decide passar o dia sem sair de casa. Lisa vai até a casa de Michaël para convidá-lo a brincar com ela na casa

dela e afirma saber que ele não havia saído de casa até o presente momento pelo ocorrido do dia anterior, porém, o diálogo termina por aí. Na casa de Lisa, os dois se divertem dançando, e a menina o convida a ir nadar no dia seguinte com os outros amigos. Na sequência, Lisa pede para maquiar Michaël, que permite. Lisa afirma que Michaël ficou lindo de menina, e esta é a mesma opinião da mãe de Laure quando ela retorna a sua casa.



Figura 3: Cenas do filme *Tomboy*
Fonte: *Tomboy*, França, 2011.

A questão que se apresentava a Laure neste momento era: como poderia se passar por um menino com trajes de banho? Foi quando teve a ideia de construir um pênis com massa de modelar de sua irmã e cortar o seu maiô, fazendo dele uma sunga. Olhando-se no espelho, percebeu que isso seria possível, e então foi nadar com seus amigos. No passeio, ocorre tudo bem, sem qualquer comentário acerca da situação delicada que Michaël havia passado no dia em que jogavam futebol e nenhuma desconfiança quanto ao seu sexo, e quando a sós, Michaël e Lisa se beijaram inocentemente.

No dia seguinte, Lisa vai novamente à casa de Michaël, porém, neste momento, o segredo de Laure estava prestes a ser descoberto, pois Jeanne atende a porta e Lisa pergunta se Michaël estava. A irmã fica pensativa, mas percebe que Laure dizia ser Michaël aos seus amigos. Ao ser questionada pela irmã sobre os motivos pelos quais Laure havia dito a Lisa que era Michaël, a menina desconversa, prometendo que, se Jeanne não contasse à mãe sobre isto, a levaria para sair com ela nos outros dias. Jeanne, ao ser integrada à vizinhança, afirma a uma colega que Michaël era um ótimo irmão e que a protegia sempre. Na mesa de jantar, perguntada pelos pais sobre o que havia feito naquele dia, Jeanne conta que conheceu várias pessoas, entre elas Michaël, e as irmãs se divertem com aquela situação.



Figura 4: Cenas do filme *Tomboy*

Fonte: *Tomboy*, França, 2011.

A situação chave para a descoberta do segredo de Laure acontece quando a menina se envolve em uma briga com um colega que havia empurrado Jeanne, já que a mãe deste menino vai à casa de Michaël conversar com sua mãe sobre o ato violento. A mãe de Laure dá um tapa em sua cara e a manda para o quarto. Mais tarde seu pai consola a menina dizendo que tudo iria se resolver. A mãe de Laure a força tirar a roupa que vestira e colocar um vestido para irem à casa do menino que havia apanhado dela; a menina reluta, mas acaba sendo levada pelas mãos até o local. Lá, as duas mães conversam, e na sequência, a mãe de Laure a leva até a casa de sua amiga Lisa, afirmando não ver outra solução para o caso, já que as aulas iriam começar e a verdade viria a tona. Ao chegarem lá, Lisa não se encontra, mas as mães conversam reservadamente, enquanto Laure fica na sala. Com a chegada de Lisa, as mães conversam com ela, e depois Laure vai para seu quarto. Neste momento, Laure corre e vai até a floresta, onde comumente brincava com seus colegas, retira o vestido, pois estava com suas roupas habituais por baixo dele, e observa o balançar das folhas das árvores, sentido a brisa daquele lugar, assim como acontece no carro quando se inicia o filme. Logo pendura o vestido em um galho e segue andando, quando avista um grupo de seus colegas comentando sobre o caso e Lisa está entre eles. Eles ouvem um barulho e saem correndo atrás de Laure, seguram-na e falam em verificar se de fato ela é uma menina. Tendo em vista a pressão por parte dos meninos, Lisa intervém resolvendo ela mesma a fazer a verificação. Os meninos comentam então o beijo de Michaël e Lisa, afirmando ser isto nojento, com o que Lisa concorda.

Depois desse episódio, Laure se recusa a sair de casa, prossegue sua vida com a família, que agora possui mais um membro: uma outra irmã. Laure observa Lisa de sua janela e resolve descer para conversar com ela. O filme termina com Lisa perguntando o nome de sua “nova” amiga.

Considerações Finais

Ao pensar a construção da identidade sexual enquanto construção cultural, social e histórica do próprio sujeito, ou seja, dessa construção num determinado contexto social e cultural, com determinados valores culturais, aos quais o sujeito reproduz ou subverte as normas pré-estabelecidas, observa-se Laure, que ao tentar romper com as fronteiras rígidas da sociedade, optando por uma “desconstrução” da identidade que lhe fora imposta, tendo em vista o desencaixe desta identidade com seus desejos e impulsos sexuais, vê-se constantemente coagida a integrar os padrões heteronormativos da sociedade patriarcal vigente. Na concepção de Hall o sujeito pós-estruturalista é sempre encarado como provisório, circunstancial e cindido. No filme não fica muito explícito o desejo de Laure por outro corpo (o único momento em que o falo - órgão masculino - lhe faz falta é quando a mesma vai usar trajes de banho para nadar e ela constrói um falo com massinha de modelar) e sim uma identificação maior com o pai e por brincadeiras e vestuários estabelecidos culturalmente para o público masculino. Em algumas cenas aparece toda a delicadeza maternal nos cuidados de sua irmãzinha, de forma que Laure/Michaël oscila entre trejeitos masculinos e feminino o filme todo.

Laure é coagida constantemente por ter inventado ser Michaël e a todo o momento lhe é imposto uma espécie de “jogo performático” para que a mesma cumpra o padrão da heteronormatividade imposto pela sociedade. Isso pode ser observado em alguns momentos do filme, mas é bastante evidente quando sua mãe determina que Laure se vista um vestido, ou seja, se vista “de menina” para provar aos outros “o que ela é”: culpada por não aderir à moda heteronormativa, por não se interessar pelas brincadeiras impostas ao seu sexo, por ter se afeiçoado por uma pessoa do mesmo sexo que ela, enfim, por querer ser Michaël. Nesse sentido, é possível visualizar a teoria da performatividade de Butler (1993), em que a noção de gênero seria construída via “repetição estilizada do corpo, um conjunto de atos repetidos em um marco estritamente regulador que vai se sedimentando ao longo do tempo para produzir a aparência e a sensação de algo natural, permanente” (BUTLER apud Camargo e Marques Filho, 2008), já que o filme se encerra com Michaël tendo que ser Laure, tendo que ser o que a sociedade espera dela.

Como o filme *Tomboy* termina sem apresentar o desenvolvimento do posicionamento de Laure no decorrer de sua vida, já que não é incomum que esta “luta” ocupe a vida toda do indivíduo, o filme constitui-se num importante instrumento de reflexão do “outro”, do (não) espaço, ocupado por ele numa determinada sociedade, entre tantas outras reflexões. Constitui-se também em uma importante forma de verificação de que esses episódios não se restringem aos países colonizados, mas que, assim como apresentamos anteriormente na perspectiva pós-colonial, que há um processo global que marca as sociedades colonizadoras – sendo a França de *Tomboy* – e colonizadas.

Por fim, cabe salientar que tanto as identidades sexuais como as identidades de gênero estão em constante processo de construção e transformação. E que a problemática da identidade de gênero observada em Laure, membro de uma família de classe média do subúrbio de Paris, reflete a angústia, as dúvidas, as discriminações e os medos de tantos outros nos mais diversos contextos.

Referências Bibliográficas

- ADELMAN, M. *A voz e a escuta: encontros e desencontros entre a teoria feminista e a sociologia contemporânea*. Tese apresentada ao Programa de Doutorado em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis: 2004.
- BESSA, K. Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na constituição da subjetividade”. In: *Cadernos Pagu*, janeiro-junho de 2007 (pp. 257-283). Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cpa/n28/12.pdf>. Acesso em: 16 de janeiro de 2012.
- BUTLER, Judith. *Deshacer el género*. Barcelona: Paidós, 2006
- CAMARGO, F. P; [MARQUES FILHO, A.](#) *Ma vie en rose: identidade, corpo e gênero no cinema francês contemporâneo*. *OPSIS* (UFG), v. 8 n 10, p. 78-98, 2008. Disponível em: <http://revistas.ufg.br/index.php/Opsis/article/view/9294>. Acesso em: 01 de março de 2012.
- DE LAURETIS, Teresa (1991) Teoria Queer: Gays e Lésbicas Sexualidades. *Diferenças, a Revista de Estudos Culturais Feministas* 3, 2, pp.iii-xviii
- FRIEDAN, Betty. *Mística feminina*. Petrópolis: Vozes, 1971.
- HALL, S. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Editora UFMG: Belo Horizonte: 2003.
- LAGO, M. C. S. A psicanálise nas ondas dos feminismos. In: Carmem Rial; Joana Maria Pedro; Silvia Maria Fávero Arend. (Org.). *Diversidades: dimensões de gênero e sexualidade*. 1 ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2010, v. 1, p. 287-306.
- LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.
- _____. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. In: *Estudos Feministas*, Florianópolis, 2/2001.
- MISKOLCI, R. A teoria *queer* e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. In: *Revista Sociologias*, nº 21, junho, pp. 150-182. Porto Alegre: UFRGS, 2009.
- MISKOLCI, R; SIMÕES, J. A. Dossiê: Sexualidades Disparatadas. In: *Cadernos Pagu*, nº 28, jan./jun. Campinas: 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010483332007000100002&script=sci_arttext#back2. Acesso em: 25 de fevereiro de 2012.

PRECIADO, B. Multidões *queer*: notas para uma política dos “anormais”. In: *Revista Estudos Feministas*, v.19, nº1, jan./abr. Florianópolis: 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2011000100002&script=sci_arttext. Acesso em: 02 de fevereiro de 2012.

SANTOS, A. C. Estudos *queer*: identidades, contextos e acção coletiva. In: *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 76, pp. 3-15, 2006.